Aula 7

OS ARQUIVOS

META

Apresentar a importância e a função dos arquivos na construção da pesquisa histórica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
avaliar a importância dos arquivos e sua função para a História;
identificar os tipos de arquivos.

PRÉ-REQUISITO

Conhecer as noções de documentos históricos.

Petrônio Domingues

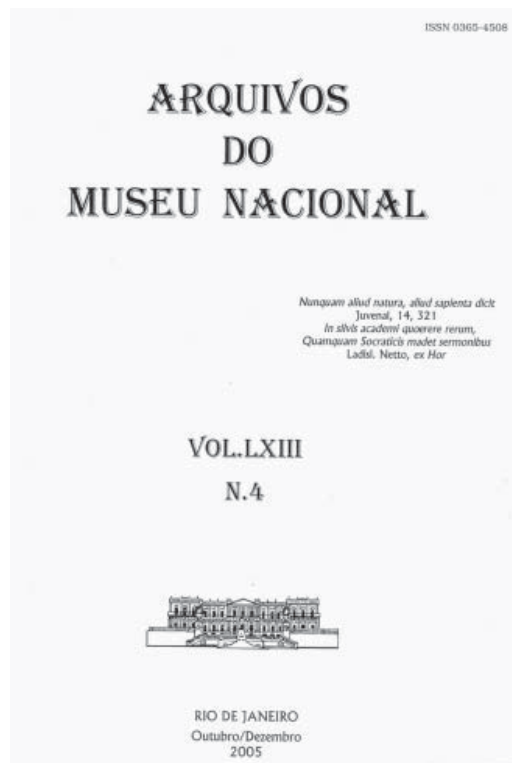
INTRODUÇÃO

Olá, depois de termos estudado sobre a importância dos documentos e fontes para a construção da história, vamos conhecer, nesta aula, um pouco sobre a função dos arquivos. Todo historiador estará visitando um deles no momento de sua pesquisa, portanto, você também, inevitavelmente, vai conhecê-lo.

Os historiadores da atualidade trabalham em condições muito mais cômodas do que seus **predecessores**. Imaginem que Heródoto, um historiador grego, para escrever a história de uma guerra, precisou empreender longas viagens para recolher, da própria boca de testemunhas oculares, informações que nem sempre eram corretas e precisas.

Ver glossário no final da Aula

Hoje em dia, os historiadores dispõem de vários estabelecimentos públicos – arquivos, bibliotecas e museus – onde boa parte dos documentos são reunidos e conservados. Na verdade, nem todos os documentos que existem num Estado, país, etc, se encontram nesses estabelecimentos, pois, entre outros acervos, há coleções particulares, de pessoas que mantém fontes documentais em casa. Para o historiador atual, portanto, uma das dificuldades enfrentadas é saber onde estão as fontes. Vamos, então, conhecer um pouco mais sobre esse assunto?

(Fonte: http://acd.ufrj.br/museuhp/CP/Arquivos/Arquivos2063-4.jpg).

OS ARQUIVOS

Desde muito tempo, os arquivos existem, mas eles não estavam ao alcance dos historiadores e, durante longo período, estes, certamente, não tiveram o cuidado de recorrer aos documentos que lá se abrigavam.

Os arquivos nasceram de considerações bastante práticas:
a) necessidade, para todo Estado ou toda sociedade organizada, de conservar um dossiê de sua administração;
b) obrigação, para todo indivíduo que exercesse um poder ou responsabilidades relativamente a outros homens, de preservar os documentos que comprovassem seus direitos, sua autoridade ou seus interesses;
c) preocupação elementar de qualquer pessoa particular, ou de toda coletividade, de resguardar-se contra espoliações, mediante a preservação de seus títulos de propriedade ou dos contratos aos quais tivesse dado sua assinatura.

O Egito, Grécia e Roma dispuseram de arquivos exigidos pela complexidade de sua administração. Conhecemos sua organização, sem possuirmos maiores informações acerca de seu conteúdo. Os arquivos gregos e romanos desapareceram completamente, assim como as grandes bibliotecas da Antigüidade clássica, em meio às agitações provocadas pelas invasões bárbaras.

Se pretendermos, em termos de Ocidente, compreender a história dos arquivos e das bibliotecas de hoje, é necessário situá-la no quadro geral do Renascimento. Foi a partir dos séculos XIV e XV que a cultura européia expandiu-se entre as camadas laicas e os príncipes começaram a constituir bibliotecas dignas do nome. O Renascimento, assim, assinala um momento essencial na história das bibliotecas, museus e arquivos.

No período em que a difusão da erudição começava a expandir o gosto pelo documento original, os historiadores pouco aproveitaram destes progressos. Com raríssimas exceções, nem os arquivos, nem os museus, nem as bibliotecas eram abertas ao público. Quem quer que desejasse trabalhar comodamente deveria constituir uma biblioteca para seu uso pessoal e esforçar-se, através de uma longa diplomacia, para conseguir acesso aos depósitos de arquivos, rigorosamente interditados ao público. Esse quadro só mudou a partir da Revolução Francesa, no final do século XVIII, quando as fontes históricas passaram a ser concentradas em depósitos submetidos às regras de uma administração uniforme e os arquivos tornaram-se públicos, permitindo que os pesquisadores tivessem livre acesso aos documentos.

Ao expropriarem os arquivos, as coleções de objetos de arte e as bibliotecas dos nobres e eclesiásticos, e ao fundi-los com os do rei e do governo central, os revolucionários franceses, sem que dessem conta disso, trabalharam em proveito da História. Os arquivos públicos, as bibliotecas e os museus organizaram-se por toda parte no século XIX, sendo abertos ao público.

A partir de então, os documentos que informavam sobre o passado nacional, foram considerados como um patrimônio digno de ser salvaguardado. O Estado tomou as medidas necessárias para preservar os que

subsistiam e para garantir preventivamente a conservação dos que deveriam ainda surgir. Atualmente, existem por todo o país as bibliotecas, museus, centros de memória e arquivos. Na maioria dos casos, sua gestão é assegurada por administrações especializadas. Para os historiadores de hoje, isto representa uma vantagem com a qual nenhum de seus predecessores do Renascimento ou da era clássica poderia sonhar.

Durante muito tempo os arquivos foram considerados como úteis somente para a história política, administrativa e religiosa. Hoje em dia, sua utilização estendeu-se aos problemas econômicos, sociais e culturais que, por vezes, parecem mesmo chegar ao primeiro plano.

Por toda a parte, em maior ou menor grau, os arquivistas oficiais esforçam-se para recensear e reunir os papéis em condições de proporcionar aos historiadores dados relativos à vida social. Cartas, testamentos, diários, documentos de compra e venda, contas de despesas diárias... é infinita a variedade de tais documentos.

Os arquivos privados são conservados para uso pessoal por indivíduos ou famílias. Eles fornecem informações acerca da existência cotidiana, da situação econômica, da mentalidade das diferentes classes socais, elementos para os quais dificilmente se encontraria algo de equivalente nos papéis de origem administrativa. Mas o acesso a eles não é fácil.

> “O trabalho com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis. Grandes obras historiográficas tiveram sua origem nas salas de arquivo, onde muito suor e trabalho foram gastos, após semanas ou meses de paciente e dedicada fase de pesquisa. O abnegado historiador encanta-se ao ler os testemunhos de pessoas do passado, ao perceber seus pontos de vista, seus sofrimentos, suas lutas cotidianas. Com o passar dos dias, ganha-se familiaridade, ou mesmo certa intimidade, com escrivães ou personagens que se repetem nos papéis. Sente-se o peso das restrições da sociedade, ou o peso da miséria, ou a má sorte de alguém, e deseja-se ler mais documentos para acompanhar aquela história de vida, o seu desenrolar. Os personagens parecem ganhar corpo, e com tristeza que, muitas vezes, percebe-se que o horário do arquivo está encerrando, que precisamos fechar os documentos e partir, sem continuar a leitura até o dia seguinte. Essa é a vida de pesquisa: dura, cansativa, longa, mas gratificante, acima de tudo”. (BACELLAR, 2005, p.24)

Fora dos arquivos privados propriamente ditos, a história encontrou, em certos países, documentos de capital importância: os atos notariados. Sabemos como, no próprio Brasil, os testamentos e inventários após a morte contribuíram com novidade para a história social do período colonial. Esta categoria de documentos, redigidos e conservados pelos tabeliões – onde existem – apresenta um interesse idêntico em qualquer parte.

ATIVIDADES

Caro aluno, em sua cidade existe um arquivo público? Um museu? Ou uma biblioteca pública? Se houver, visite um desses lugares e procure saber sobe os arquivos lá existentes, do que se tratam e de que maneira estão organizados, etc. Se não houver essas instituições, procure os cartórios, a Igreja, a Prefeitura ou uma Escola pública e pergunte sobre a guarda dos seus documentos. Depois que você fizer as consultas, entre em contato com seus colegas através do chat e troque informações. Registre sua pesquisa e leve-a para seu tutor. Comece a pensar em seus futuros lugares de pesquisa...

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Ao pesquisar essas instituições, você deverá estar atento às suas curiosidades em relação à pesquisa histórica, ou seja, o seu olhar deverá ser de um historiador e não de um turista.

> "O inventário após a morte", escreveu um arquivista francês, "é, certamente, o ato tabelionado mais rico em informações de toda ordem. Pela descrição completa do domicílio e dos objetos familiares de um defunto, precisando o valor de cada coisa, permite ele reconstituir-se, com a maior exatidão, o quadro no qual aquele homem viveu. Faz-nos conhecer a composição da biblioteca de um homem de letras, o aparelhamento do gabinete de um físico ou de um químico, os instrumentos de que servia um músico, os utensílios empregados por um artesão, os quadros e as obras de arte que decoravam a vivenda de um grão-senhor ou o atelier de um artista. Além do interesse capital que o inventário após a morte apresenta para a biografia de um personagem, percebemos facilmente a contribuição que pode proporcionar, não apenas para a história econômica, mas também para a história da sociedade, das artes, das ciências e das técnicas"(GLÉNISSON, 1977, p. 150-162).

CONCLUSÃO

Os esforços atuais com vistas a uma melhor e mais completa conservação dos documentos históricos estão sendo tomados em outras direções. De fato, é preciso preservar as novas fontes de informação que o desenvolvimento tecnológico põe à nossa disposição: os cds de música, os filmes, os programas de TV, fotografias, entrevistas orais, etc. Graças a estes incomparáveis documentos, depois de séculos, o biógrafo poderá reanimar até mesmo nos seus comportamentos fugitivos, gestos involuntários e menores entonações de voz, o personagem cuja vida estiver estudando. O historiador da sociedade verá evoluir e ouvirá exprimir-se em sua existência cotidiana as pessoas de todas as camadas sociais. Cds de música, filmes, programas de TV, fotografias, entrevistas orais, enfim, oferecerão à posteridade tudo quanto o historiador até agora sonhou, sem poder atingir por outro caminho a não ser o da imaginação: o espetáculo da própria vida.

RESUMO

Os arquivos são lugares onde boa parte dos documentos são reunidos e conservados. Sua função era diversa: tanto servia para conservar um dossiê da administração pública, quanto para preservar os documentos que comprovassem os direitos e a autoridade de um indivíduo que exercesse um poder ou ainda para preservar título de propriedade ou contrato de qualquer pessoa particular. Os arquivos existem, portanto, há muito tempo, mas nem sempre estiveram à disposição dos historiadores. Há algum tempo, eles foram considerados úteis apenas para a História política, administrativa e religiosa. Atualmente, eles também são considerados muito importantes para a história econômica, social e cultural. Além dos arquivos públicos, também existem os privados, embora o acesso destes últimos não seja tão fácil aos historiadores.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 24.
BELLOTO, Heloísa B. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. São Paulo: Difel, 1977, pp. 150-162.

Sites:
http://www.tj.se.gov.br
http://www.arquivonacional.gov.br
http://www.aracaju.se.gov.br

GLÓSSARIO

Predecessores: O mesmo que antecessores. Que vieram antes.

Laicas: Significa aquela que não recebeu ordens sacras; leiga. Ou ainda, aquela que não diz respeito à classe eclesiástica